

## DESCONECTANDO PARA DIALOGAR: ESTRATÉGIAS DE ARGUMENTAÇÃO E INTERPRETAÇÃO NO ENSINO MÉDIO

STEPHANY DA SILVA PEREIRA<sup>1</sup>; JARDEL DA COSTA SANTOS<sup>2</sup>; ÁLAN QUIVE VAZ QUADROS<sup>3</sup>;  
LUCIANE BOTELHO MARTINS<sup>4</sup>:

<sup>1</sup>Universidade Federal de Pelotas – stephanypereira201@gmail.com

<sup>2</sup>Universidade Federal de Pelotas – jardelsantos2004@gmail.com

<sup>3</sup>Universidade Federal de Pelotas – alanvquadros@gmail.com

<sup>4</sup>Universidade Federal de Pelotas – lucianebrmk@hotmail.com

### 1. INTRODUÇÃO

Através do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) desenvolvido na área de Letras - Licenciatura, foi possível a realização de uma oficina na Escola Estadual de Ensino Médio Nossa Senhora de Lourdes. A oficina surgiu a partir das observações realizadas ao longo do programa em que se notou a necessidade de trabalhar a argumentação, o senso crítico, a tolerância à diversidade de opinião, o respeito ao espaço de fala e a discussão de ideias com enfoque no texto.

É de notória discussão no meio educacional que o uso excessivo dos celulares é prejudicial para a saúde mental, inclusive, muitos estudos têm se dedicado a pesquisar o tema, como o estudo realizado na Universidade Federal de Minas Gerais em 2024:

*“As novas tecnologias, como smartphones, tablets e outros dispositivos digitais móveis, provocaram a incorporação de uma nova palavra ao léxico especializado: nomofobia. O termo se refere ao uso exacerbado e dependente do celular e de outras tecnologias digitais. Desde 2018, a Organização Mundial da Saúde (OMS) reconhece a dependência digital como transtorno: ela desencadeia um medo irracional de estar sem o celular ou sem aparelhos eletrônicos no geral.”*  
(KHOURY, Júlia, 2024)

A capacidade de interpretação e argumentação está relacionada com o material de consumo e leituras realizadas pelos estudantes. Desse modo, o grupo entende que se necessita cada vez mais do uso consciente das tecnologias, utilizando-as a seu favor de forma pedagógica e construindo saberes plurais e diversificados, que serão usados em todos os espaços.

Leitura e interpretação não são apenas capacidades desenvolvidas em língua portuguesa, mas trabalhadas constantemente sob as perspectivas das diversas áreas do conhecimento, não se mantendo somente no ambiente escolar, mas sim no convívio diário.

“Ninguém escapa da educação. Em casa, na rua, na igreja ou na escola, a sós, com os outros, em silêncio diante de um livro ou entre falas de alguém, de um modo ou de muitos todos nós envolvemos momentos de nossas vidas com a educação. Estamos sempre às voltas com ela para aprender, para ensinar, para aprender-e-ensinar. Para saber, para fazer, para apensar, para esquecer, para ser ou para conviver, todos os dias envolvemos a vida de cada dia e mesmo de cada instante com alguma

face da educação. Com um de seus rostos ou com várias faces: educação? Educações.” (BRANDÃO, Carlos, 1982, p. 6)

Além disso, também percebe-se a dificuldade em conseguir distinguir fontes confiáveis de não-confiáveis e até mesmo saber perceber quando uma notícia é falsa. Essas estabelecem um desafio em diversos aspectos, sobretudo no que diz respeito ao que é postado nas redes sociais, dificultando a identificação do que é real ou não, desenvolvendo críticas sem base sólida. É comprovado que os algoritmos das redes sociais radicalizam o discurso, fazendo quem os consome ser interpelado por eles e diminuir o senso crítico. Senso esse que é fundamental de ser avivado nos espaços escolares, como já abordado por Paulo Freire.

“Na verdade, a curiosidade ingênua que, ‘desarmada’, está associada ao saber do senso comum, é a mesma curiosidade que, criticizando-se, aproximando-se de forma cada vez mais metodicamente rigorosa do objeto cognoscível, se torna curiosidade epistemológica. Muda de qualidade, mas não de essência.” (FREIRE, Paulo, 2021, p.33).

Nesse sentido, a oficina funciona não apenas como uma atividade motivadora, mas como um campo de observações empíricas com a finalidade de desenvolver um novo olhar crítico, assim como, fomentar um diálogo respeitoso entre ideias opostas, baseando-se em fontes fidedignas. É pensando nisso que uma oficina de debate se coloca.

## 2. ATIVIDADES REALIZADAS

A capacidade de argumentação está intimamente ligada às duas habilidades anteriormente mencionadas e também ao repertório adquirido. Nesse sentido, a oficina privilegiou em sua primeira etapa a leitura e análise do texto motivador para que os estudantes adquirissem não o conhecimento, pois este já o possuem, mas a sensibilização e organização de ideias pré-estabelecidas por uma atividade motivadora anterior. A atividade foi realizada na turma de 1º ano do ensino médio, 1A, às terças-feiras, em dois períodos: das 10h às 10h50min, e depois das 11h40min às 12h30min, sendo este último normalmente interrompido, pois grande parte dos estudantes necessitavam de sair mais cedo, em função dos horários do transporte público.

A oficina dividiu-se em três etapas realizadas em dois dias, cada etapa em um período diferente, respeitando os limites de tempo das aulas e de desenvolvimento da atividade pela turma. Sucedeu-se da seguinte maneira:

Primeiramente, apresentou-se o tema “As possíveis causas do conformismo social no Brasil” e realizou-se a distribuição dos textos, os quais centraram o debate. Os estudantes leram os textos individualmente, depois realizaram uma leitura vozeada guiada pelos pibidianes.

Em seguida, discutiu-se a leitura realizada, mediada e fomentada pelos pibidianes, onde foram expostas opiniões, experiências e dúvidas. Feito isso, os estudantes se dividiram em 3 grupos: Grupo A (pró-tese 1): O conformismo social decorre principalmente da desigualdade educacional e da falta de senso crítico; grupo B (pró-tese 2): O conformismo social é fruto da cultura histórica autoritária e da herança colonial; grupo C (mediadores e público): Observadores críticos que fazem perguntas e votam ao final.

Na semana seguinte, reuniram-se os alunos para alinhamento de ideias e desenvolvimento dos argumentos a serem utilizados durante o debate, contando

com o auxílio dos pibidianes quando necessário. Depois, deu-se início ao debate, onde cada grupo elegeu um representante por vez para a apresentação do argumento, seguindo a regra de que não se poderia repetir o mesmo representante para que todas as pessoas do grupo tivessem a oportunidade de participar. O tempo de fala de cada grupo foi cronometrado, iniciando em 5 minutos para exposição dos argumentos, proporcionando um momento para a réplica (2 minutos) e concluindo com a tréplica (1 minuto).

“[...] entendemos como domínio discursivo uma esfera da vida social ou institucional (religiosa, jurídica, jornalística, pedagógica, política, industrial, militar, familiar, lúdica etc.) na qual se dão práticas que organizam formas de comunicação e respectivas estratégias de compreensão. Assim, os domínios discursivos produzem modelos de ação comunicativa que se estabilizam e se transmitem de geração para geração com propósitos e efeitos definidos e claros. Além disso, acarretam formas de ação, reflexão e avaliação social que determinam formatos textuais que em última instância desembocam na estabilização de gêneros textuais. E eles também organizam as relações de poder.” (MARCUSCHI, 2008, p. 194)

Devido ao horário, o debate teve de ser concluído no último período, sendo eleito o grupo B como vencedor pelos próprios discentes, devido a maior organização de ideias e desenvoltura do tema.

### 3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar da presente oficina ter surtido resultados satisfatórios, como o engajamento dos estudantes no tema e grande participação dos mesmos, sentimos que ainda assim, há muito a ser melhorado.

A começar pela estrutura da sala de aula. Inicialmente, planejamos que durante as primeiras etapas (leitura e discussão), os alunos estariam organizados em roda ou em U, porém, pelo espaço da sala ser completamente precário, os estudantes se mantiveram em fila militar, seguindo o padrão tradicional. Neste momento, pensou-se em ministrar a aula na parte externa da escola, porém devido às condições climáticas, essa opção se tornou totalmente inviável.

Conseguimos avançar argumentativamente com eles e fazê-los perceber as diferentes forças que os argumentos podem ter. Gostaríamos que, em uma futura oficina, o tema partisse dos alunos para que fosse algo que realmente produzisse sentido e tivesse mais engajamento e iniciativa. Com mais tempo, seria importante ter oportunizado um espaço para que utilizassem os celulares para pesquisar sobre o tema e fundamentassem/solidificassem ainda mais os seus argumentos, buscando fontes verídicas e, com a nossa mediação, aprendendo a usar as tecnologias a seu favor.

### 4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

IMAGINIE. **As possíveis causas do conformismo social no Brasil**. Belo Horizonte, 24 jun. 2024. Disponível em: <https://www.imagine.com.br/temas/as-possiveis-causas-do-conformismo-social-no-brasil/>. Acesso em: 27 jun. 2025.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. Parábola Editorial, 2008.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 12. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

KHOURY, Júlia. A palavra é nomofobia: Em série de reportagens da Rádio UFMG Educativa, especialistas analisam as implicações da dependência digital e do uso excessivo de celulares pelas crianças. **Universidade Federal de Minas Gerais**, 2024. Disponível em:  
<https://ufmg.br/comunicacao/noticias/vicio-ao-alcance-das-maos-uso-abusivo-infanto-juvenil-de-celulares>. Acesso em: 18 ago. 2025.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação?**. Editora brasiliense, 1982.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 2021.